



Antonio Gramsci e os “Subaltern Studies” : uma investigação sobre os conceitos de hegemonia e subalterno

Camila Massaro de Góes

Sob orientação do Prof. Dr. Alvaro Gabriel Bianchi Mendez

Palavras-chave: Antonio Gramsci,
classes subalternas, hegemonia.



Introdução

A importância de Antonio Gramsci e da internacionalização de seus estudos pode ser observada a partir das criativas apropriações realizadas em diversas áreas, como nos estudos culturais, pós-coloniais e nas relações internacionais. Ao longo de sua obra, Gramsci desenvolve importantes conceitos que são largamente utilizados pelas Ciências Sociais e pela Historiografia atual, e que, portanto, merecem destaque em sua obra. Ao refletir acerca do conteúdo do autor que pode ter destaque como ferramenta de análises sociais, salienta-se aqui o grupo dos chamados “Subaltern Studies”. Originários do começo dos anos 1980, foram protagonizados por autores como Ranajit Guha e Gayatri Chakravorty Spivak, que se apropriaram de noções gramscianas – em especial, de hegemonia e subalternidade – e de suas ressonâncias para elaborar suas análises, no âmbito da história colonial da Índia.

Os “Subaltern Studies” e as noções de hegemonia e subalternidade

A análise da hegemonia e da condição subalterna, para Gramsci (2002a), não pode ser reduzida à relação entre as nações, mas deve, também, dar conta das relações entre classes sociais ou frações dessas. É necessário salientar que essa relação existe em toda a sociedade no seu conjunto e em todo indivíduo com relação aos outros indivíduos. É possível compreender o conceito de subalterno na medida em que as estratificações oriundas dessa relação hegemônica interagem em uma relação de domínio, na qual uma parte é a dominante e a outra é dominada, subalterna.

Para Gayatri Spivak (1988), todo o trabalho da área de estudos que compreende os “Subaltern Studies” é uma expansão e enriquecimento da noção de subalterno desenvolvida por Antonio Gramsci – noção essa que procura rebater a concepção que coloca o homem como um sujeito passivo. Não obstante, Edward Said

(1988) registra que foi através de Gramsci que se estabeleceu que onde quer que haja história, há também classes, e que essa essência do histórico reside em uma longa e extraordinária interação entre “governantes” e “governados”, entre elite dominante, ou classe hegemônica, e classe subalterna, ou emergente classe de governados pela coerção. Ranajit Guha (1988) explica ainda que a palavra “subaltern” no título do grupo de estudiosos assume o significado dado pelo Concise Oxford Dictionary: “of inferior rank”, isto é, de grau inferior. O autor estabelece que o termo será usado como uma atribuição geral para a subordinação existente na sociedade do sul da Ásia, de modo relativo à classe, casta, período histórico, gênero ou repartição.

Conclusões

Através da utilização da noção de subalterno e de sua designação entendida generalizadamente como “de grau inferior”, parte-se de Gramsci como pressuposto, e de sua reflexão a cerca do camponês meridional. Assim, se segue adiante, ampliando o conceito de “subalterno” através de sua utilização no mundo colonial e pós-colonial: com o migrante, o refugiado, etc. (CURTI, 2006). Acredito que o uso desse conceito tenda a ser expandido para além da perspectiva de classes, na qual Gramsci se insere, de modo que o diálogo estabelece relação muitas vezes com direitos particulares e de identidade cultural.

No entanto, a distinção entre colonizados, migrantes, proletários ou mesmo “subalternos” não pode se dar simplesmente através da análise da sucessão cronológica, como destaca Lídia Curti (2006). Tratam-se, às vezes, de condições simultâneas, frequentemente em sobreposição, das quais a subalternidade é o denominador comum. Gramsci (2002b) alerta que com frequência, os grupos subalternos são originalmente de outra raça (outra cultura e outra religião) que não a dos dominantes e, muitas vezes, são uma mistura de raças diversas, tal qual o é no caso dos escravos.

A relação entre classe, casta, gênero, etnicidade e religião torna a perspectiva de análise de uma determinada situação muito mais complexa, assim como adiciona obstáculos quando a intenção é de trabalhá-las simultaneamente. Quando se adere a uma perspectiva, o quadro de análise muda inevitavelmente. Grandes narrativas são desejáveis e possíveis, mas nenhuma é capaz de contar toda a história.

Metodologia

A presente pesquisa procura incorporar aos estudos da área de pensamento político realizados no Brasil a rica metodologia genético-diacrônica que tem caracterizado recentes pesquisas na

Itália. Essa metodologia tem se empenhado em uma “contextualização eficaz” do pensamento político, capaz de permitir uma reconstrução rigorosa do percurso da formulação conceitual ao longo dos textos e uma compreensão destes como momento constitutivo do próprio momento histórico no qual foram produzidos ou apropriados.

Referências Bibliográficas

- CURTI, L. Percorsi di subalternità : Gramsci, Said, Spivak. In: CHAMBERS, Iain. *Esercizi di potere: Gramsci, Said e il postcoloniale*. Roma: Meltemi, 2006.
- GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002 a, v.1.
- GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002b, v.5.
- GUHA, Ranajit; SPIVAK, Gayatri Chakravorty (eds.). *Selected subaltern studies*. New York; Oxford; Oxford Univ., 1988.
- SAID, Edward W. Foreword. In: GUHA, Ranajit; SPIVAK, Gayatri Chakravorty (eds.). *Selected subaltern studies*. New York; Oxford; Oxford Univ. 1988.

